

## PREVALÊNCIA DE INSATISFAÇÃO CORPORAL E RISCO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM ALUNOS CONCLUINTE DE NUTRIÇÃO

Carmen Alvernaz Souza<sup>1</sup>, Elton Bicalho de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

A insatisfação com a imagem corporal e a pressão para ter um corpo bonito que poderá servir de marketing profissional torna o aluno do curso de nutrição um forte candidato a desenvolver transtornos alimentares. O objetivo do presente estudo foi verificar a prevalência do risco de transtornos alimentares em alunos de nutrição, bem como avaliar a satisfação corporal e a visão da importância da aparência física na prática profissional. Trata-se de uma pesquisa transversal, com alunos do último período da graduação em Nutrição de uma instituição privado localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro. Utilizou-se um questionário para traçar o perfil da amostra, a escala de silhueta para verificar a insatisfação corporal e o EAT-26 para mensurar o risco de desenvolvimento de transtornos alimentares. Ao total, participaram 20 acadêmicos, com média de idade foi de 22,7 + 2,1 anos e maioria do sexo feminino (n=17). Houve predomínio de insatisfação corporal (70%), e a maioria dos estudantes entrevistados deseja emagrecimento (n=13). A mediana de pontuação do EAT-26 foi de 11,5 pontos (1-28), com 20% (n=4) de prevalência para surgimento de transtornos alimentares. O risco de transtorno alimentar teve correlação com idade (r=0,49; p=0,02) e associação com ter filhos (U=15,5; p=0,04). Conclui-se que é preocupante o fato dos acadêmicos sentirem-se pressão para ter um corpo esteticamente bonito em função da profissão escolhida, pois a busca por este ideal pode desencadear práticas que resultarão em transtornos alimentares.

**Palavras-chave:** Aparência física. Nutricionistas. Restrição da ingestão de alimentos.

1 - Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda-RJ, Brasil.

E-mail dos autores:  
ca\_souza@yahoo.com  
elton.bicalho01@gmail.com

### ABSTRACT

Prevalence of body image dissatisfaction and risk of eating disorders in nutrition students

Body image dissatisfaction and pressure to have a beautiful body that could serve as professional marketing makes the nutrition course student a strong candidate for developing eating disorders. The aim of this study was to verify the prevalence of risk of eating disorders in nutrition students, as well as to assess body satisfaction and the view of the importance of physical appearance in professional practice. This is a cross-sectional study with nutrition students from a private college in Rio de Janeiro, Brazil. A questionnaire was used to define the profile of the sample, the silhouette scale to verify body image dissatisfaction and the EAT-26 to measure the risk of developing eating disorders. In total 20 students participated, with a mean age of 22.7 ± 2.1 years and mostly female (n=17). There was a predominance of body image dissatisfaction (70%), and most students interviewed want to lose weight (n=13). The median score of the EAT-26 was 11.5 points (1-28), with 20% (n=4) of prevalence for the appearance of eating disorders. The risk of eating disorder was correlated with age (r=0.49; p=0.02) and association with having children (U=15.5; p=0.04). It's concluded that the fact that students feel pressure to have an aesthetically beautiful body depending on the chosen profession is worrying, as the search for this ideal can trigger practices that will result in eating disorders.

**Key words:** Physical Appearance. Nutritionists. Food Intake Disorder.

Autor para correspondência:  
Elton Bicalho de Souza  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA.  
Departamento de Nutrição.  
Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, 1325,  
Três Poços, Volta Redonda-RJ, Brasil.  
CEP: 27240-560.  
Telefone: (24)3340-8400 Ramal: 8571

## INTRODUÇÃO

A aparência corporal não é determinante para mensurar a qualidade técnica e a competência de um profissional, porém, esse aspecto vem sendo considerado um quesito importante tanto pelo paciente quanto por outros profissionais, em especial da área da saúde (Bellizzi, Hasty, 1998; Melo, Farias, Kovacs, 2017).

De acordo com Freitas e colaboradores (2010, p. 737) questões relacionadas a satisfação corporal “remetem a cobranças sociais que exigem perfis antropométricos cada vez mais magros e podem ser relacionadas à aceitação social e ao sucesso profissional, gerando constante insatisfação com a aparência física”.

A construção do ideal de imagem corporal acontece com o passar dos anos, por meio de experiências pessoais, desejos, atitudes, além dos padrões impostos pela sociedade e pela mídia (Ainett, Costa, Sá, 2017).

Profissões como Nutrição e Educação Física tendem a buscar mais por padrões corporais ditados pelas mídias, sendo que esta prática é, na maioria das vezes, iniciada ainda na graduação, uma vez que geralmente a aparência física está intimamente associada as profissões.

Este tipo de pressão, inevitavelmente, pode causar o surgimento de diversos agravos, dentre os quais estão a ansiedade, depressão e os transtornos alimentares (Batista e colaboradores, 2015).

Transtornos Alimentares (TA) são estabelecidos como desordens psicológicas que reduzem a qualidade de vida devido as modificações geradas no comportamento alimentar, associadas a elevadas taxas de mortalidade (Moreira e colaboradores, 2017).

São caracterizados por uma intensa preocupação com o peso corporal, a aparência física, o medo mórbido de engordar e a fixação pelo comer saudável e a prática de exercícios físicos. Anorexia, bulimia, vigorexia e ortorexia são os principais TA descritos e geralmente possuem como característica a restrição da ingestão alimentar (Souza, Mattos, 2015).

A pressão imposta pela mídia na busca por um corpo “esteticamente perfeito”, somada ao conhecimento adquirido ao longo do curso acende um sinal de alerta para esses profissionais por apresentarem maior risco para

o surgimento de TA e comportamentais (Silva e colaboradores, 2012).

Dependendo do grau de insatisfação com o corpo podem ocorrer diversos fatores que afetam vários aspectos da vida acadêmica e profissional do indivíduo, influenciando no seu comportamento alimentar, autoestima e desempenhos psicossociais, físicos e cognitivos.

Esse quadro piorou nos últimos anos, pois os meios de comunicação frequentemente associam beleza, satisfação, sucesso e saúde com padrões corporais magros e musculosos, provocando insatisfação naqueles indivíduos que não se enquadram neste padrão.

Estudantes do curso de nutrição que, mesmo estando dentro de um estado nutricional adequado, podem desenvolver uma percepção negativa da imagem corporal por conta de características como instabilidade biopsicossocial, mudanças no estilo de vida com a diminuição no tempo disponível para alimentação e prática de exercícios físicos e, principalmente, com a pressão psicológica para se tornarem exemplos de saúde e de corpos saudáveis.

Agravando ainda mais esse quadro, geralmente os estudantes de nutrição tendem a pensar que a aparência física é um importante fator para o sucesso profissional, servindo como uma espécie de “cartão de visita” (Ainett, Costa, Sá, 2017).

Essa busca pelo padrão estético pelo acadêmico de nutrição pode se estender para a prática clínica, reforçando essa associação saúde-estética que pode causar danos a seus pacientes/clientes.

É imprescindível que o profissional nutricionista busque atuar de forma a priorizar a saúde no seu sentido mais amplo, entendendo que o ser humano é biopsicossocial, demonstrando que o alimento deve ser visto como um aliado para a promoção de saúde e para a prevenção de doenças, indo muito além da valorização estética (Cori, Petty, Alvarenga, 2015).

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivos verificar a prevalência do risco de transtornos alimentares em discentes matriculados no último período do curso de nutrição de uma instituição privada, bem como avaliar a satisfação corporal e a visão da importância da aparência física na prática profissional.

## MATERIAIS MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, realizado com discentes do último período do curso de nutrição de uma instituição privada de ensino superior localizada no Estado do Rio de Janeiro.

Como critérios de inclusão, discentes regularmente matriculados no oitavo período, independentemente da idade e sexo, desde que aceitassem participar de forma espontânea e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Após a formalização da participação, os discentes responderam a um questionário para traçar o perfil da amostra, estilo de vida, utilização de ergogênicos e realização de procedimentos estéticos para melhoria do corpo.

No mesmo instrumento os participantes também foram questionados se sentiam alguma pressão para ter um corpo bonito em função da profissão que escolheram, bem como se acham que os pacientes/clientes escolhem o profissional por conta da aparência, e se eles já julgaram ou buscaram algum profissional avaliando a aparência.

Para avaliar a insatisfação corporal foi aplicada a Escala de Silhueta Corpórea desenvolvida por Stunkard, Sorensen e Schlusinger (1983). A escala possui nove figuras corporais para cada gênero, que aumentam as formas corporais em termos de gordura corporal.

Foi solicitado ao participante que assinalasse uma figura que ele acreditava ser a que representasse atualmente o seu corpo, e uma outra figura que representasse o que seria o seu ideal de corpo.

A diferença entre o atual e o ideal é a medida da insatisfação corporal, ou seja, quanto maior a distância entre o ideal e o atual, mais insatisfeito está o participante. Quanto menor a diferença entre o ideal e o real, menor é a insatisfação e, por fim, se o atual for a mesma do desejável, o participante está satisfeito com o seu corpo (Morgado, Ferreira, 2010).

Para avaliar o risco de TA foi aplicado o Eating Attitudes Test (EAT-26) - versão validada em português. É um dos instrumentos mais utilizados como teste psicométrico para mensurar transtornos alimentares, sendo

considerado fácil e rápido, favorecendo o diagnóstico precoce e, conseqüentemente, o tratamento (Almeida e colaboradores, 2016).

A graduação e análise das questões são divididas em 3 escalas: 1) dieta, que reflete a recusa de comidas de alto valor energético e preocupação com o corpo; 2) bulimia e preocupação com os alimentos, avaliando episódios de ingestão compulsiva dos alimentos seguidos de vômitos ou purgações para ganho de peso e; 3) controle oral para avaliar o alto controle sobre alimentos e a força ambiental que estimula o consumo.

Escore maiores que 20 pontos foram considerados de alto risco para do desenvolvimento de transtornos alimentares; pontuação entre 10 a 20 foram considerados de baixo risco e escores de 0 a 9 pontos foram considerados isentos de risco.

Em linhas gerais, as variáveis foram analisadas segundo procedimentos clássicos de média, mediana e desvio padrão.

Para verificação de associação entre variáveis categóricas foi utilizado o teste de Mann-Whitney para comparação das múltiplas variáveis, e para verificar a correlação entre as variáveis contínuas foi realizado o teste de coeficiente de correlação de Pearson.

As análises foram realizadas com auxílio do programa JAMOV<sup>®</sup> - versão 1.6, com nível de significância  $p < 0,05$ . O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa do UniFOA, sob certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) nº 04415818.3.0000.5237.

## RESULTADOS

No início do período letivo (primeiro semestre de 2021) o oitavo período do curso possuía 34 alunos matriculados e 58,8 % (n=20) aceitaram participar, sem nenhum descarte de formulário por preenchimento incorreto. A média de idade foi de 22,7 + 2,1 anos (21-53 anos), com a maioria do sexo feminino (n=17), solteira (n=13), sem filhos (n=15), somente estudando (n=10) ou estudando e trabalhando (n=10), com renda familiar de 1 a 3 salários-mínimos (n=11) e que se declarou com cor de pele branca (n=11). A tabela 1 descreve o perfil sociodemográfico dos participantes.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo

Variável	n	%
Sexo		
Feminino	17	85
Masculino	03	15
Total	20	100
Estado civil		
Solteira(o)	13	65
Casada(o) ou união estável	06	30
Divorciada(o)	01	5
Total	20	100
Paridade		
Sem filhos	15	75
1 filho	04	20
3 ou mais filhos	01	5
Total	20	100
Cor de pele*		
Branca	11	55
Parda	05	25
Negra	04	20
Total	20	100
Ocupação		
Apenas estudando	10	50
Trabalhando e estudando	10	50
Total	20	100
Renda familiar**		
< 1salário mínimo	01	5
1 salário-mínimo	03	15
1-3 salários-mínimos	11	55
> 4 salários-mínimos	04	20
Não deseja responder	01	5
Total	20	100

\* Cor de pele autodeclarada; \*\* Salário-mínimo vigente: R\$ 1100,00.

No que se refere a prática de exercícios físicos pelos participantes a distribuição foi igualitária, uma vez que metade da amostra (n=10) reportou não realizar atividade enquanto a outra metade informou praticar exercício - dos que realizavam houve predomínio da musculação (n=6).

Para os outros aspectos relacionados a hábitos de vida, a maioria informou não consumir bebida alcoólica (n=11) e não fumar (n=16).

Sobre a utilização de substâncias ergogênicas a maioria declarou não utilização (n = 19), sendo que o participante que assinalou utilização reportou uso de esteroides anabolizantes.

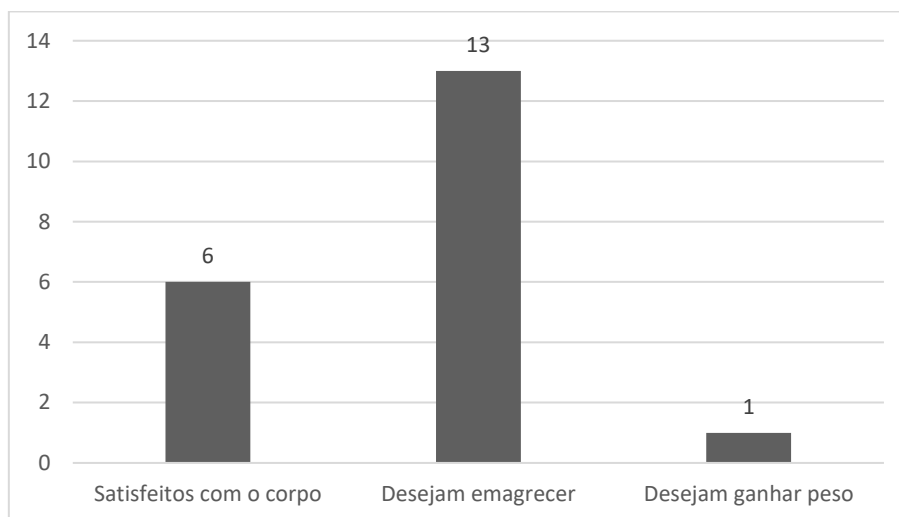
Quando arguidos sobre realização de procedimentos estéticos para modificações

corporais, a maioria não realizou nenhum procedimento (n=18).

As respostas positivas foram assinaladas por mulheres, que informaram realização de lipoaspiração (n=1) e mastopexia (n=1).

Houve predomínio de insatisfação corporal de acordo com a escala de silhueta corpórea (70%), onde a maioria dos estudantes entrevistados deseja emagrecimento (n=13), conforme ilustra a figura 1.

A mediana da percepção da silhueta de corpo atual foi 5, com variação entre as silhuetas 2 e 6, e a mediana da percepção de silhueta que considerariam ideal foi de 4, variando entre 2 a 5.



**Figura 1 - (in)satisfação corporal dos participantes da pesquisa.**

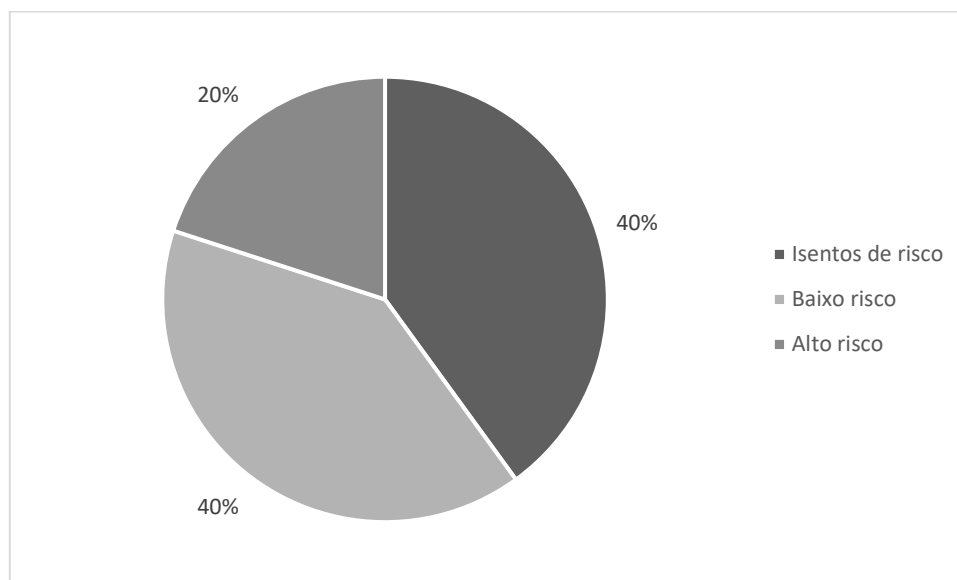
A grande prevalência de insatisfação corporal vai ao encontro de um maior predomínio de respostas dos participantes sobre o que eles pensam acerca da opinião dos pacientes/clientes sobre a aparência física do profissional, onde a maioria acha que o paciente/cliente considera a aparência na hora de buscar auxílio para o tratamento (n=12), seguido por às vezes (n = 6) e não (n=1) - uma participante não quis responder.

Mesmo possuindo uma tendência, essas variáveis não tiveram associação significativa ( $p>0,1$ ). Quando questionados se já levaram em conta a aparência do profissional para realizarem algum tratamento, o perfil das respostas foi diferente, com maior prevalência de não terem levado em consideração (n = 8), seguido por sim (n=7), às vezes (n=4) e uma se

absteve de responder. Dos vinte participantes, metade (n=10) relatou sentir-se pressionado para ter um corpo bonito por conta da profissão que escolheram, oito informaram que às vezes sentem este tipo de pressão e apenas dois participantes afirmaram não sentir nenhum tipo de pressão.

Para verificar esta afirmativa, foi mensurado o risco de transtornos alimentares nos participantes segundo o EAT-26. A mediana de pontuação foi de 11,5 pontos, com menor pontuação de 1 e maior de 28 pontos.

Sobre o risco de transtorno, a houve distribuição igualitária em isentos de risco (n=8) e baixo risco (n=8), e apenas quatro participantes apresentaram alto risco, conforme ilustra a figura 2.



**Figura 2** - Risco de transtornos alimentares pelos participantes da pesquisa.

Por fim foi realizado uma estratificação das principais variáveis com o risco de surgimento de transtornos alimentares para verificar possíveis correlações e associações.

Verificou-se que a maioria dos participantes que apresentou alto risco de transtornos alimentares era mulher (n=4), sedentária (n=3), etilista (n=3), que não utiliza substâncias ergonômicas (n=4) nem realiza procedimentos estéticos (n=3), sente-se

pressionada a ter um corpo bonito por conta da profissão de nutricionista (n=4) e está insatisfeita com o corpo (n=3).

Apesar deste perfil, foram encontradas correlação com a idade ( $r=0,49$ ;  $p=0,02$ ) e associação com ter filhos ( $U=15,5$ ;  $p=0,04$ ).

A tabela 2 apresenta a estratificação das principais variáveis de risco avaliadas pelo estudo.

**Tabela 2** - Associação entre as principais variáveis e risco de transtornos alimentares nos participantes do estudo.

Variável	Risco de transtorno alimentar			p valor*
	Sem risco	Baixo risco	Alto risco	
Sexo				
Masculino	1	2	0	0,86
Feminino	7	6	4	
Estado civil				
Solteiro	7	5	2	0,17
Não solteiro	1	3	2	
Filhos				
Com filhos	0	3	2	0,04*
Sem filhos	8	5	2	
Exercício				
Pratica	5	4	1	0,43
Não pratica	3	3	3	
Etilismo				
Sim	4	4	3	0,54
Não	4	4	1	
Utilização de ergogênicos				
Sim	0	1	0	0,78
Não	8	7	4	

Procedimento cirúrgico				
Sim	1	0	1	0,83
Não	7	8	3	
Pressionado pela profissão				
Sim	6	8	4	0,18
Não	2	0	0	
Insatisfação corporal				
Sim	4	7	3	0,232
Não	4	1	1	

\* Nível de significância:  $p < 0,05$

## DISCUSSÃO

Um estudo para identificar a prevalência de comportamentos tendenciosos a ortorexia nervosa e satisfação corporal em estudantes de nutrição da Universidade Federal do Triângulo Mineiro descreve média de idade de  $21,5 \pm 3,5$  anos e prevalência de 90,8% do sexo feminino, resultados que vão ao encontro do presente estudo.

Acerca das variáveis cor de pele e estado civil, os achados aqui apresentados corroboram com a pesquisa realizada com alunas do curso de nutrição no Rio Grande do Sul também descreve maioria de cor de pele branca (93,5%) e solteira (91%). O Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) desenvolve uma pesquisa com o intuito de traçar o perfil dos profissionais, sendo atualizada periodicamente. Em sua última atualização foi descrita maior prevalência de mulheres de cor de pele branca na profissão (68,6%).

Esta mesma pesquisa revela alguma semelhança com os achados aqui descritos acerca da renda mensal dos participantes, pois de acordo com o CFN existe maior concentração de profissionais com renda familiar entre  $> 1$  até 3 salários-mínimos ou  $> 3$  até 5 salários-mínimos, dependendo da área de atuação.

Quando arguidos sobre realização de procedimentos estéticos para modificações corporais, a maioria não realizou nenhum procedimento ( $n=18$ ).

As respostas positivas foram assinaladas por mulheres, que informaram realização de lipoaspiração ( $n=1$ ) e mastopexia ( $n=1$ ).

Coelho e colaboradores (2015) destacam que a preocupação com a aparência é um dos aspectos principais na tomada de decisão para realização de procedimentos estéticos, assim como a pressão sociocultural propagada pela mídia, que exhibe corpos esculturais como padrão cultural de beleza.

Esta prática, segundo os autores, é mais prevalente em mulheres, indo ao encontro dos achados deste estudo.

Houve predomínio de insatisfação corporal de acordo com a escala de silhueta corpórea. Diferente dos resultados encontrados na amostra estudada, Nascimento e Araújo (2019) em pesquisa para avaliar o perfil antropométrico e a insatisfação corporal de estudantes dos cursos de educação física, nutrição, enfermagem, psicologia e farmácia de uma instituição privada de Recife encontraram que a maioria (85,1%) estava satisfeita com a imagem corporal.

Este fato pode ser explicado por ter demais cursos que, diferente da realidade da educação física e nutrição, a estética corporal geralmente não é tão presente.

Moreira e colaboradores (2017) realizaram uma pesquisa para comparar evidências de transtornos alimentares e a percepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição e administração de uma instituição de Montes Claros-MG, encontrando 76,1% de insatisfação corporal em estudantes de nutrição contra 67,5% em discentes de administração.

O ideal do corpo magro ganhou notoriedade a partir dos anos 60, impulsionado pela construção de mulheres materializadas nas modelos e manequins.

Andrade e Bosi (2003) afirmam que houve modificações consideráveis dos parâmetros antropométricos das candidatas aos concursos de Miss América e das modelos fotográficas entre 1959 até 1978, com transição de corpos curvilíneos para corpos cada vez mais magros.

Atualmente a magreza representa sucesso e autodisciplina, porém, este padrão é tido como um dos principais fatores para o aumento dos transtornos alimentares na pós-modernidade (Oliveira, Hutz, 2010).

Destaca-se que o único participante que declarou desejo de ganhar peso foi o homem que reportou utilização de esteroides.

A estética corporal já está estabelecida como instrumento incorporado nas relações de consumo.

Entre graduandos e profissionais nutricionistas é perceptivo que o corpo é considerado relevante e determinante para o sucesso profissional, servindo como marketing pessoal e associado a maior ou menor notoriedade no mercado de trabalho, aumentando a confiabilidade com o cliente (Santos, 2008).

Castro e colaboradores (2016) realizaram uma pesquisa com graduandos de Educação Física e Nutrição na cidade do Rio de Janeiro, e transcrevem um pensamento muito comum para estes alunos: “se ela não faz consigo mesma, como vai conseguir comigo?”.

Esta afirmativa evidencia que este grupo é cobrado por ser conhecedor das práticas de emagrecimento, e profissionais que porventura não se enquadrem neste perfil estético podem ter um sentimento de não pertencimento à profissão.

Este tipo de pressão para ter um corpo “esteticamente bonito” pode ser altamente prejudicial, podendo inclusive culminar com o surgimento de transtornos alimentares (Batista e colaboradores, 2015).

A menor prevalência de alto risco de transtornos alimentares em estudantes de nutrição é descrita em outras pesquisas.

Penz, Bosco e Vieira (2008) em pesquisa para avaliar o risco de desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição utilizando o EAT-26 encontraram menor prevalência de alto risco para transtornos (35%), ou seja, escores > 20 pontos. Resultado semelhante ao encontrado por Reis e Soares (2017) que encontraram uma prevalência de 25,5% de discentes de nutrição matriculados no último período com risco alto para surgimento de transtornos alimentares segundo o EAT-26.

Cabe assinalar limitações que podem ter influenciado nos resultados de mensuração do risco de transtornos alimentares, dentre as quais o levantamento baseado exclusivamente em um único instrumento autoadministrado. Outro fator limitante é o conhecimento do EAT-26 pelos participantes que já tiveram contato com o instrumento durante a graduação e sabem da finalidade do questionário.

Os quatro indicativos de alto risco foram encontrados em mulheres, corroborando com a literatura, que afirma maior chance de surgimento nesta população, mesmo com o crescimento deste distúrbio em homens.

Porém, a correlação moderada entre idade e alto risco de transtorno é contraditório ao descrito na literatura, uma vez que transtornos alimentares são mais frequentes em mulheres com idade entre 18 e 30 anos (Leal e colaboradores, 2013).

O fato pode ser explicado pela proximidade da formatura, o que gera a pressão para obtenção do corpo esteticamente bonito pela proximidade de entrada no mercado de trabalho.

Das quatro participantes que apresentaram alto risco, três (75%) desejavam emagrecimento.

Souto e Ferro-Bucher (2006) reforçam que a restrição alimentar para emagrecimento é o fator mais significativo em quadros de anorexia e/ou bulimia nervosas, porém, não houve associação entre estas variáveis ( $p = 0,49$ ).

Acerca da associação positiva entre possuir filhos e alto risco de transtorno alimentar pode ser explicado sob duas perspectivas. A primeira influi no modelo de cuidado materno, e dentre estes cuidados incluem a alimentação, onde a mãe busca servir de exemplo para a criança (Moura, Santos, Ribeiro, 2015).

Neste contexto Taglietti e Teo (2016) afirmam que o hábito alimentar materno é condicionante da formação do hábito alimentar da criança, e as escolhas feitas pela mãe perpassa por seus valores, crenças, costumes, símbolos e representações.

A outra explicação pode estar relacionada as transformações corporais decorrentes da gestação.

Silva e Silva (2009) descrevem que a gravidez é um período de mudanças na psique e no corpo da mulher.

Estudos sobre a imagem corporal de gestantes, puérperas e mulheres que relatam modificações corporais após uma ou mais gestações apontam uma insatisfação profunda com dessas mulheres com o próprio corpo.

Na tentativa de retomada do corpo que tinham antes da gestação, frequentemente são observadas práticas que podem culminar em problemas de saúde, dentre elas a alimentação inadequada e restritiva (Meiros e colaboradores, 2015).



**CONCLUSÃO**

Os resultados aqui demonstrados revelam elevada prevalência de insatisfação corporal, com foco em emagrecimento, entretanto, baixa prevalência de surgimento de transtornos alimentares nos concluintes do curso de graduação em nutrição.

É preocupante o fato dos acadêmicos sentirem-se pressão para ter um corpo esteticamente bonito em função da profissão escolhida, fator que pode desencadear práticas que resultarão em transtornos alimentares.

Nutrição é uma ciência que vai muito além de estética e o corpo não deve ser considerado como marketing ou cartão de visitas do profissional.

Estes achados corroboram com diversas pesquisas realizadas, que alertam para o aumento da prevalência de transtornos alimentares e insatisfação corporal em profissionais da área de saúde, especialmente nutricionistas e profissionais de educação física.

Por esta razão, sugere-se que sejam realizados programas de promoção à saúde e apoio psicológico na formação destes profissionais, e que os docentes intensifiquem debates sobre o culto ao corpo e suas repercussões negativas na tentativa de reduzir comportamentos alimentares inadequados, uma vez que este graduando geralmente reflete em sua prática o que ele faz consigo para obtenção dos resultados.

**REFERENCIAS**

- 1-Ainett, W.S.O.; Costa, V.V.L.; Sá, N.N.B. Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em estudantes de nutrição. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 11. Num. 62. 2017. p. 75-8.
- 2-Almeida, L.C.; e colaboradores. Triagem de transtornos alimentares em estudantes universitários na área da saúde. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*. Vol. 20. Num. 3. 2016. p. 230-43.
- 3-Andrade, A.; Bosi, M.M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. *Revista de Nutrição*. Vol. 16. Num. 1. 2003. p. 117-25.
- 4-Batista, A.; Neves, C.M.; Meireles, J.F.F.; Ferreira, M.E.C. Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de Educação Física, Nutrição e Estética da cidade de Juiz de Fora-MG. *Revista de Educação Física da UEM*. Vol. 26. Num. 1. 2015. p. 69-77.
- 5-Bellizzi, J.A.; Hasty, R.W. Territory assignment decisions and supervising unethical selling behavior: The effects of obesity and gender as moderated by jobrelated factors. *The Journal of Personal Selling & Sales Management*. Vol. 18. Num. 2. 1998. p. 35-49.
- 6-Castro, J.B.P.; e colaboradores. Alimentação, corpo e subjetividades na Educação Física e na Nutrição: o ranço da adiposidade e a ascensão dos músculos. *Demetra*. Vol. 11. Num. 3. 2016. p. 803-24.
- 7-Coelho, F.D.; e colaboradores. Insatisfação corporal e influência da mídia em mulheres submetidas à cirurgia plástica. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*. Vol. 30. Num. 4. 2015. p. 567-73.
- 8-Cori, G.C.; Petty, M.L.B.; Alvarenga, M.S. Atitudes de nutricionistas em relação a indivíduos obesos - um estudo exploratório. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 20. Num. 2. 2015. p. 565-76.
- 9-Freitas, C.M.S.M.; e colaboradores. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*. Vol. 24. Num. 3. 2010. p. 389-04.
- 10-The jamovi project. Jamovi. Version 1.6. Computer Software. 2021. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.
- 11-Leal, G.V.S.; e colaboradores. O que é comportamento de risco para transtornos alimentares em adolescentes? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 62. Num. 1. 2013. p. 62-75.
- 12-Meireles, J.F.F.; Neves, C.M.; Carvalho, P.H.B.; Ferreira, M.E.C. Insatisfação corporal em gestantes: uma revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 20. Num. 7. 2015. p. 2091-103.
- 13-Melo, F.V.S.; Farias, S.A.; Kovacs, M.H. Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor.

Organizações & Sociedade. Vol. 24. Num. 81. 2017. p. 305-24.

14-Moreira, D.E.; e colaboradores. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração. Revista da Associação Brasileira de Nutrição. Vol. 8. Num. 1. 2017. p. 18-25.

15-Morgado, F.F.R.; Ferreira, M.E.C. Escala de silhuetas bidimensionais: uma investigação acerca de sua aplicabilidade ao cego congênito. Revista de Educação Física da UEM. Vol. 26. Num. 1. 2015. p. 69-77.

16-Moura, F.E.G.A.; Santos, M.A.; Ribeiro, R.P.P. A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. Estudos de Psicologia. Vol. 32. Num. 2. 2015. p. 233-47.

17-Nascimento, S.B.; Araújo, I.L.S.B. Perfil antropométrico e insatisfação corporal de estudantes universitários. Revista Brasileira de Nutrição Esportiva. São Paulo. Vol. 13. Num. 8. 2019. p. 864-70.

18-Oliveira, L.L.; Hutz, C.S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. Psicologia em Estudo. Vol. 15. Num. 3. 2010. p. 575-82.

19-Penz, L.R.; Bosco, S.M.; Vieira, J.M. Risco para desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição. Scientia Medica. Vol. 18. Num. 3. 2008. p. 124-28.

20-Reis, A.S.; Soares, L.P. Estudantes de Nutrição apresentam risco para transtornos alimentares. Revista Brasileira de Ciências da Saúde. Vol. 21. Num. 4. 2017. p. 281-90.

21-Santos, L.A. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador. Edufba. 2008.

22-Silva, J.D.; Silva, A.B.J.; Oliveira, A.A.V.K.; Nemer, A.S.A. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de nutrição. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 17. Num. 12. 2012. p. 3399-406.

23-Silva, L.J.; Silva, L.R. Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais. Esc Anna Nery Rev Enferm. Vol. 13. Num. 2. 2009. p. 393-401.

24-Souto, S.; Ferro-Bucher, J.S.N. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares. Revista de Nutrição. Vol. 19. Num. 6. 2006. p. 693-704.

25-Souza, A.F.; Mattos, R.T. Relação da utilização de dietas de emagrecimento e do padrão de beleza imposto pela mídia no aparecimento de transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino. Revista Eletrônica Parlatorium. Vol. 9. Num. 2. 2015. p. 145-61.

26-Stunkard, A.; Sorensen, T.; Schlusinger, F. Use of Danish adoption register for the study of obesity and thinness. In S. Kety, L.P.; Rowland, R.L.; Sidman, S.W.M. (Eds.). The genetics of neurological and psychiatric disorders. New York: Raven. 1983.

27-Taglietti, R.L.; Teo, C.R.P.A. Percepções de mães adolescentes sobre a formação do hábito alimentar de seus filhos. Adolesc. Saude. Vol. 13. Num. 3. 2016. p. 52-9.

Recebido para publicação em 25/11/2021  
Aceito em 29/12/2021